

## Poemas irlandeses

Marcelo Tápiá

Brendan Kennelly

(De *A time for voices – selected poems 1960-1990*)

PROOF

I would like all things to be free of me,  
Never to murder the days with presupposition,  
Never to feel they suffer the imposition  
Of having to be this or that. How easy  
It is to maim the moment  
With expectation, to force it to define  
Itself. Beyond all that I am, the sun  
Scatters its light as though by accident.

The fox eats its own leg in the trap  
To go free. As it limps through the grass  
The earth itself appears to bleed.  
When the morning light comes up  
Who knows what suffering midnight was?  
Proof is what I do not need.

PROVA

Queria que tudo fosse livre de mim,  
Nunca matar os dias com suposições,  
Nunca sentir que eles sofrem imposições  
De serem isto e não aquilo. É fácil, sim,  
Mutilar o momento, aleijá-lo  
Com expectativas, forçá-lo a definir-se  
A si mesmo. Além de tudo que sou, o sol  
Espalha seus raios como se por acaso.

A raposa come o próprio pé na armadilha  
Para livrar-se. Enquanto manca pela relva,  
É a terra que parece sangrar.  
Quando chega, então, a luz do dia,  
Quem sabe da dor que a noite leva?  
De prova é que não vou precisar.

Seamus Heaney

(De *A spirit level*)

THE POPLAR

Wind shakes the big poplar, quicksilvering  
The whole tree in a single sweep.  
What bright scale fell and left this needle quivering?  
What loaded balances have come to grief?

○ ÁLAMO

O vento agita o alto álamo, prateando  
Toda a árvore numa só varredura.  
Que abalo pôs essa agulha tremulando?  
Que desequilíbrio trouxe a desventura?

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

#### REMEMBERED COLUMNS

The solid letters of the world grew airy.  
The marble serifs, the clearly blocked uprights  
Built upon rocks and set upon the heights  
Rose like remembered columns in a story

About the Virgin's house that rose and flew  
And landed on the hilltop at Loreto.  
I lift my eyes in a light-headed credo,  
Discovering what survives translation true.

#### COLUNAS EVOCADAS

As letras do mundo tornaram-se etéreas.  
Serifas de mármore, sólidas hastes  
Erguidas nas rochas e postas nos ápices  
Ascenderam como as colunas na história

Da casa da Virgem, que ascendeu ao céu  
E pousou no alto da colina em Loreto.  
Elevei o olhar num delirante credo  
E vi o que subsiste à tradução fiel.

(*De Death of a naturalist*)

STORM ON THE ISLAND

We are prepared: we built our houses squat,  
Sink walls in rock and roof them with good slate.  
This wizened earth has never troubled us  
With hay, so, as you see, there are no stacks  
Or stooks that can be lost. Nor are there trees  
Which might prove company when it blows full  
Blast: you know what I mean – leaves and branches  
Can raise a tragic chorus in a gale  
So that you listen to the thing you fear  
Forgetting that it pummels your house too.  
But there are no trees, no natural shelter.  
You might think that the sea is company,  
Exploding comfortably down on the cliffs,  
But no: when it begins, the flung spray hits  
The very windows, spits like a tame cat  
Turned savage. We just sit tight while wind dives  
And strafes invisibly. Space is a salvo,  
We are bombarded by the empty air.  
Strange, it is a huge nothing that we fear.

TEMPESTADE NA ILHA

Estamos preparados: as casas robustas,  
Têm paredes postas na pedra e bem cobertas.  
Esta terra seca nunca nos perturbou  
Com feno, assim, como pode ver, não há medas  
Ou montes que possam perder-se. Nem há árvores  
Que nos façam companhia ao soprar violento  
O vento: sabe o que digo – folhas e galhos  
Entoam um coro trágico no vendaval  
De forma que você escute ao que teme e  
Esqueça que ele também golpeia a sua casa.  
Não há árvores, nem abrigo natural.  
Você pensaria que o mar é companheiro,  
Explodindo tranqüilo abaixo dos penhascos,  
Mas não: quando começa, os borrifos atingem  
As janelas, cospem qual gato manso feito  
Selvagem. Abraçamo-nos enquanto o vento,  
Invisível, atira. O espaço é uma rajada,  
Somos bombardeados pelo ar vazio.  
Estranho, o que tememos é um enorme nada.

Michael Hartnett

(De *A farewell to English*)

5

I say farewell to English verse,  
to those I found in English nets:  
my Lorca holding out his arms  
to love the beauty of his bullets,  
Pasternak who outlived Stalin  
and died because of lesser beasts;  
to all the poets I have loved  
from Wyatt to Robert Browning;  
to Father Hopkins in his crowded grave  
and to our bugbear Mr Yeats  
who forced us into exile

on islands of bad verse.

Among my living friends  
there is no poet I do not love  
although some write  
with bitterness in their hearts;  
they are one art, our many arts.

Poets with progress  
make no peace or pact.  
The act of poetry  
is a rebel act.

5

Eu digo adeus ao verso inglês,  
que achei, por certo, em rede inglesa:  
meu Lorca estendendo seus braços  
a fim de amar a beleza das balas,  
Pasternak, que sobreviveu a Stálin  
e morreu devido a menores bestas;  
a todos os poetas que amei,  
de Wyatt a Robert Browning;  
ao Padre Hopkins na tumba sempre cheia  
de gente, e ao nosso bicho-papão Yeats,  
que nos impôs o exílio

em ilhas de maus versos.

Entre os meus amigos vivos  
não há poeta que eu não ame,  
ainda que alguns escrevam  
com seus corações tão acres;  
eles são uma arte, nossas muitas artes.

Poetas que prosseguem  
não fazem paz nem pacto.  
O ato da poesia  
É rebelde de fato.



7

This road is not new.  
I am not a maker of new things.  
I cannot hew  
out of the vacuum-cleaner minds  
the sense of serving dead kings.

I am nothing new.  
I am not a lonely mouth  
trying to chew  
a niche for culture  
in the clergy-cluttered south.

But I will not see  
great men go down  
who walked in rags  
from town to town  
finding English a necessary sin,  
the perfect language to sell pigs in.

I have made my choice  
and leave with little weeping.  
I have come with meagre voice  
to court the language of my people.

Não é nova esta estrada,  
nem coisas novas eu forjo.  
Não pode ser retirada  
das mentes aspirador-de-pó  
a idéia de servir a reis mortos.

Não sou novo em nada.  
Nem uma boca só eu sou  
tentando ver se cava  
um nicho para a cultura  
no clero-conturbado sul.

Mas não verei, calado,  
a queda dos grandes:  
os que andam em trapos  
pelas cidades, errantes  
tendo no inglês um preciso pecado,  
língua pra vender porcos no mercado.

Fiz minha escolha e parto  
com mínimo choro.  
Vim com minha voz parca  
cortejar a língua do meu povo.

(De *A necklace of wrens*)

THE LAST VISION OF EOGHAN RUA Ó SÚILLEABHÁIN

The cow of morning spurted  
milk-mist on each glen  
and the noise of feet came  
from the hills' white sides.  
I saw like phantoms  
my fellow-workers  
and instead of spades and shovels  
they had roses on their shoulders.

A ÚLTIMA VISÃO DE EOGHAN RUA Ó SÚILLEABHÁIN

A vaca da manhã jorrou  
névoa-leite em cada vale  
e o ruído de pés veio  
dos lados alvos das colinas.  
Vi como fantasmas  
meus companheiros  
e em vez das costumeiras pás  
tinham rosas em suas espáduas.

Michael Longley

CEASEFIRE

I

Put in mind of his own father and moved to tears  
Achilles took him by hand and pushed the old king  
Gently away, but Priam curled up at his feet and  
Wept with him until their sadness filled the building.

II

Taking Hector's corpse into his hands Achilles  
Made sure it was washed and, for the old king's sake,  
Laid out in uniform, ready for Priam to carry  
Wrapped like a present home to Troy at daybreak.

III

When they had eaten together, it pleased them both  
To stare at each other's beauty as lovers might –  
Achilles built like a god, Priam good-looking still  
And full of conversation, who earlier had sighed:

IV

'I get down on my knees and to what must be done  
And kiss Achilles' hand, the killer of my son.'

CESSAR-FOGO

I

Relembrando o próprio pai, lacrimoso, Aquiles  
Tomou a mão do velho rei; com gentileza  
Afastou-o, mas Príamo abraçou-lhe os pés:  
Choraram, e a tenda inundou-se de tristeza.

II

Tendo nas mãos o corpo lavado de Heitor,  
Aquiles, que respeito pelo rei nutria,  
Embrulhou-o numa túnica, qual presente  
A ser ofertado a Tróia ao raiar do dia.

III

Cearam juntos e, então, admiraram a  
Beleza um do outro, como o fariam amantes –  
Aquiles qual um deus, Príamo ainda belo  
E pleno de prosa, ele que suspirara antes:

IV

“Faço o que devo: posto de joelhos me humilho;  
Beijo a mão de Aquiles, que aniquilou meu filho.”

**Nota do trad.:** “Ceasefire” – escrito, segundo o autor, quando “se rezava em seu país por um cessar-fogo do Ira” – recria um episódio do canto XXIV da *Iliada* de Homero, no qual o rei Príamo, de Tróia, suplica a Aquiles que lhe entregue o cadáver (ultraçado) de seu filho Heitor.

FROZEN RAIN

I slow down the waterfall to a chandelier,  
Filaments of daylight, bones fleshed out by ice  
That recuperate in their bandages of glass  
And, where the lake behaves like a spirit level,  
I save pockets of air for the otter to breathe.

I magnify each individual blade of grass  
With frozen rain, a crop of icicles and twigs,  
Fingers and thumbs that beckon towards the thaw  
And melt to the marrow between lip and tongue  
While the wind strikes the branches like a celeste.

CHUVA CONGELADA

Reduzo a cascata a um candelabro, fios  
De luz, ossos descarnados pelo gelo  
Que se refazem nas bandagens de vidro  
E, onde o lago age como nível de bolha,  
Guardo bolsas de ar para que a lontra viva.

Aumento uma a uma as lâminas de grama  
Com brotos, chuva congelada e sincelos,  
Polegar, dedos que apontam o degelo  
Derretem, entre o lábio e a língua, até o âmago  
Enquanto o vento toca órgão nos ramos.

Derek Mahon

THE SNOW PARTY  
for Louis Asekoff

Basho, coming  
To the city of Nagoya,  
Is asked to a snow party.

There is a tinkling of china  
And tea into china;  
There are introductions.

Then everyone  
Crowds to the window  
To watch the falling snow.

Snow is falling on Nagoya  
And farther south  
On the tiles of Kyoto.

Eastward, beyond Irago,  
It is falling  
Like leaves on the cold sea.

Elsewhere they are burning  
Witches and heretics  
In the boiling squares,

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

Thousands have died since dawn  
In the service  
Of barbarous kings;

But there is silence  
In the houses of Nagoya  
And the hills of Ise.



A FESTA DA NEVE  
para Louis Asekoff

Bashô, ao chegar a  
Nagoya, é chamado  
A uma festa da neve.

Há um tinido de xícaras  
E chá vertido nas xícaras;  
Há apresentações.

Então todos se juntam  
Diante da janela  
Para ver a neve que cai.

A neve cai em Nagoya  
E mais para o sul  
Sobre os telhados de Kyoto.

A leste, além de Irago,  
Ela cai como folhas  
Sobre o mar gelado.

Longe, queimam  
Bruxas e hereges  
Em praças ferventes,

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

Milhares morreram  
Desde a aurora  
A serviço de reis bárbaros;

Mas há silêncio  
Nas casas de Nagoya  
E nas colinas de Ise.

Richard Ryan

AT THE END

From the Japanese of Matsuo Basho

My spirit and flesh, parting now –  
trails of mist here, there,  
dwindling in the bone forest.

FIM

Do japonês de Matsuó Bashô

Meus espírito e carne apartam-se agora –  
rastros de névoa aqui, acolá,  
dissipam-se na floresta de ossos.

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

Aidan Carl Mathews

THE DEATH OF IRISH

The tide gone out for good,  
Thirty-one words for seaweed  
Whiten on the foreshore.

A MORTE DO IRLANDÊS

A maré vazia de vez,  
Trinta e uma palavras para alga  
Empalidecem na praia.

## Sobre os autores

**Brendan Kennely** nasceu em Kerry, em 1936. Publicou, entre outros, os livros *Getting up early* (1966), *Good souls to survive* (1967), *Bread* (1971), *Love Cry* (1972), *The voices* (1973), *Islandman* (1977), *The boats are home* (1980), *Cromwell* (1983) e *A time for voices: selected poems 1960-1990* (1990).

**Seamus Heaney** nasceu em 1939, no Condado de Derry, Irlanda do Norte. Publicou, entre outros, os livros de poemas *Death of a naturalist* (1966), *Door into the dark* (1969), *North* (1975), *Station Island* (1984) e *The spirit level* (1996), bem como diversos volumes de crítica literária. Ocupou a cadeira de poesia em Oxford por seis anos, e recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1995. Integrou o “Grupo de Belfast” (também conhecido como “Escola do Norte”).

**Michael Hartnett / Micheál Ó hArtnéide**, nascido em 1941, em Limerick, e morto em 1999, em Dublin, é conhecido por sua atitude contestatória em relação à adoção da língua inglesa pelos poetas irlandeses (durante um período de dez anos, deixou de escrever em inglês, para “produzir apenas na língua do seu povo”). Publicou, entre outros, os livros *Anatomy of a cliché* (1968), *A necklace of wrens* (livro bilíngüe, inglês-irlandês) e *A farewell do English* (1975). Recebeu um prêmio do American Fund Literary; era membro da Aosdána (organização que reúne criadores cujo trabalho tenha especialmente contribuído com a arte irlandesa).

**Michael Longley** nasceu em Belfast, em 1939. Publicou, entre outros, os livros de poemas *No continuing city* (1969), *Man lying on a wall* (1976), *Poems 1963-1983* (1984), *The ghost orchid* (1995) e *Broken dishes* (1998). É membro da Royal Society of Literature, da Aosdána e do Cultural Traditions Group, que promove a aceitação da diversidade cultural na Irlanda do Norte. Integrou o “Grupo de Belfast”.

**Derek Mahon**, nascido em Belfast em 1941, publicou, entre outros, os livros de poemas *Night-crossing* (1968), *Ecclesiastes* (1970), *The snow*

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

*party* (1975), *Poems 1962-78* (1979) e *Selected poems* (1993). É autor de diversas peças teatrais, como *The bacchae: after Euripides* (1991). Editou as antologias *Modern Irish poetry* (1972) e *The Penguin book of contemporary Irish poetry*. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Irish American Foundation e o Lannan Foundation. Integrou o “Grupo de Belfast”, e é membro da Aosdána.

**Aidan C. Mathews** nasceu em Dublin, em 1956. Publicou, entre outros, os livros de poemas *Windfalls* (1977) e *Minding Ruth* (1983), além do volume de narrativas breves *Adventures in a Bathyscope* (1988).

**Richard Ryan** nasceu em Dublin, em 1946. Publicou *Ledges* (1970) e *Rave* (1973). É embaixador da Irlanda e representante permanente do país nas Nações Unidas.

#### SOBRE O TRADUTOR

**Marcelo Tápia** é poeta, editor e tradutor. Publicou os livros *Primitipo* (1982), *O bagatelista* (1985), *Rótulo* (1990), *Livro aberto* (1992) e *Pedra volátil* (1996), além dos volumes de tradução *James Joyce – poemas* (1985 / 1990), *Haikais do tempo / Tankas e haikais da lua* (1997) e *A forja – alguma poesia irlandesa contemporânea* (2004). Graduiu-se em português e grego na FFLCH-USP.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FALLON, Peter e MAHON, Derek (ed.). *The Penguin book of contemporary Irish poetry*. Londres: Penguin Books, 1990.

MULDOON, Paul (ed.). *The Faber book of contemporary Irish poetry*. Londres: Faber and Faber, 1986.

HARTNETT, Michael. *Collected poems*. Dublin: The Gallery Press, 2001.

- HEANEY, Seamus. *Death of a naturalist*. Londres: Faber and Faber, 1991.  
\_\_\_\_\_. *The spirit level*. Londres: Faber and Faber, 1996.
- LONGLEY, Michael. "Two peace poems and a few thoughts about them".  
*In*: ABEI Newsletter. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Irlandeses, junho de 1997.